Cantos em náhuatl na Nova Espanha e contemporaneidade: para outras perspectivas tradutórias

*Cantos en náhuatl en la Nueva España y contemporaneidad:
hacia otras perspectivas traductivas*

Me. Sara Lelis de Oliveira¹

Resumo

Apresentaremos como cantos em náhuatl clássico foram traduzidos na colônia da Nova Espanha (séc. XVI) e na contemporaneidade (1940–) no âmbito dos estudos mesoamericanos. “Traduzir”, na análise que se propõe, diz respeito a conceitos empregados na interpretação dos cantos como manifestação cultural em sua forma oral e, posteriormente, em sua forma escrita após a estratégia evangelizadora de transliteração para a escritura latina que possibilitou sua “preservação” e tradução para outras línguas. Para tanto, será abordado o discurso do missionário Bernardino de Sahagún, no qual este aspecto cultural indígena foi traduzido para as concepções, categorias e valores próprios daqueles que desejavam conhecer o Outro para dominá-lo. Nesse ínterim, a tradução da cultura indígena foi limitada por premissas que, sob um princípio de universalidade, definiram a prática de se entoar cantos como idolatria. Na contemporaneidade, serão analisados os estudos críticos de Garibay e Bierhorst, tradutores do manuscrito *Cantares mexicanos* para o espanhol e inglês, cujas concepções divergem quanto a se os cantos eram ou não poemas. O objetivo da exposição consiste na relevância de rever os *loci* epistemológicos de produção de conhecimento dos referidos indivíduos que traduziram os cantos em suas formas oral e escrita, a qual é fundamental para propor um giro epistemológico a partir de nossa tradução do náhuatl clássico para o português. Trata-se de um projeto tradutório que almeja recontextualizar a oralidade dos cantos no texto escrito-traduzido a fim de transmitir experiências próximas a seu *locus* cultural empobrecido com a coerção colonial e com a escritura alfabética, bem como a compreensão indígena de suas próprias tradições. Entreviui-se, por meio da tradução, a possibilidade de realizar o referido projeto mediante o hibridismo presente *Cantares*, o qual aponta para um jogo de dominação e resistência inerente aos impasses de imposição de cultura e religião em uma sociedade de tradições milenares.

Palavras-chave: *Cantares mexicanos*; contemporaneidade; giro epistemológico; Nova Espanha; tradução.

Resumen

Presentaremos cómo se tradujeron cantos en náhuatl clásico en la colonia de la Nueva España (siglo XVI) y en la contemporaneidad (1940–) en el ámbito de los estudios mesoamericanos. “Traducir”, en el análisis propuesto, se refiere a conceptos empleados en la interpretación de los cantos como manifestación cultural en su forma oral y, posteriormente, en su forma escrita tras la estrategia evangelizadora de transliteración a la escritura latina que ha posibilitado su “preservación” y traducción a otras lenguas. Para ello, se abordará el discurso del misionero de Bernardino de Sahagún, en el que este aspecto cultural indígena fue traducido a concepciones, categorías y valores propios de aquellos que deseaban conocer al Otro para dominarlo. De ser así, la traducción de la cultura indígena se limitó a premisas que, bajo un principio de universalidad, definieron la práctica de entonar cantos como idolatría. En la contemporaneidad, se analizarán los estudios críticos de Garibay y Bierhorst, traductores del manuscrito *Cantares mexicanos* al español e inglés, cuyas concepciones se diferencian en cuanto a si los cantos eran o no poemas. El objetivo de la exposición consiste en la relevancia de rever los *loci* epistemológicos de producción de conocimiento de dichos traductores interculturales de los cantos desde sus formas oral y escrita, la cual es

¹ Mestre em Estudos da Tradução e candidata a Doutora em Literatura; Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil; saralelis@gmail.com.

fundamental en el afán de proponer un giro epistemológico a partir de nuestra traducción del náhuatl al portugués. Se trata de un proyecto traductivo que anhela recontextualizar la oralidad de los cantos en el texto-escrito traducido en aras de transmitir experiencias cercanas a las de sus propias tradiciones. Se entrevió, mediante la traducción, la posibilidad de llevar a cabo dicho proyecto a través del hibridismo presente en los *Cantares*, el cual revela un juego de dominación y resistencia inherente a los impases de imposición de cultura y religión en una sociedad de tradiciones milenarias.

Palabras clave: *Cantares mexicanos*; contemporaneidad, giro epistemológico, Nueva España, traducción.

1. Introdução

A ruptura do autônomo complexo cultural da Mesoamérica, em virtude da invasão espanhola e seus objetivos de dominação desde os últimos anos do século XV, promoveu processos múltiplos de tradução. Um deles consistiu na tradução da realidade indígena mesoamericana em dois momentos históricos: no período colonial da Nova Espanha (século XVI) e na contemporaneidade (1940 –). Especificamente, será abordada a maneira com a qual se traduziu a prática de se entoar cantos que remetiam à tradição oral e de escrita pictográfica pré-hispânica, cujas algumas das letras foram transliteradas da oralidade para o alfabeto latino. O processo de transliteração, com o propósito de conquista fundamentalmente religiosa, deu origem ao manuscrito *Cantares mexicanos* (fls. 1f a 85f), o qual vem sendo traduzido para outras línguas desde o século XIX. Traduzir, neste trabalho, significa “compreender”, “interpretar” e “produzir conhecimento” a partir do contato com os cantos em sua manifestação oral e, posteriormente, em sua manifestação escrita.

No período da Nova Espanha, se apresentará a interpretação dos cantos como costume idolátrico pelo frei franciscano Bernardino de Sahagún (1499 – 1590), a qual se imprime nos *Cantares* mediante as interpolações e outras possíveis intervenções por seus colaboradores, jovens indígenas educados e catequizados no colégio-convento da Nova Espanha. Na contemporaneidade, se abordará o conhecimento produzido a partir da tradução do padre e filósofo mexicano Ángel María Garibay Kintana (1892 – 1967), primeiro tradutor do manuscrito para o espanhol (1965), e do linguista estadunidense John Bierhorst (1936 –), tradutor do documento para o inglês (1985). A produção de conhecimento derivada de suas traduções difere segundo suas respectivas interpretações, concepções, conceitos articulados historicamente e línguas para as quais traduzem. A mais consolidada das concepções é a de Garibay, quem postula que havia, no período pré-hispânico, a produção de uma poesia náhuatl. Bierhorst rebate o tratamento dado aos cantos a partir da tradução do manuscrito para o inglês, afirmando que apenas a reestruturação dos cantos na forma escrita sustentaria a atribuição do conceito “poema” aos cantos. Para ele, é suficiente a categoria “canto”.

A proposta deste trabalho resulta de uma análise das principais óticas tradutórias com as quais se construíram conhecimentos sobre uma parcela do passado mesoamericano a partir das traduções dos cantos na forma oral e dos *Cantares*. Observou-se, assim, a necessidade de produzir conhecimento através de um *locus* epistemológico mediante uma tradução diretamente do náhuatl para o português que almeja recontextualizar a oralidade dos cantos no texto escrito-traduzido. O projeto tradutório, nesse sentido, abriria caminhos para transmitir experiências próximas a seu *locus* cultural empobrecido com a coerção colonial e com a escritura alfabética, bem como a compreensão indígena de suas próprias tradições. As possibilidades de realizar o referido projeto emergem do próprio ato tradutório que, mediante o hibridismo presente nos *Cantares*, aponta para um jogo de dominação e resistência inerente aos impases de imposição de cultura e religião em uma sociedade de tradições milenares.

2. Tradução dos cantos no período colonial (séc. XVI): testemunho de Sahagún

Na colônia da Nova Espanha, a cultura predominante no Altiplano Central do México, isto é, de língua náhuatl, foi traduzida para o mundo ocidental. Esse filtro ideológico, não se pode ignorar, estava firmemente ancorado no catolicismo, religião que engendra grande parte da epistemologia europeia da época. As consequências do traslado da religião católica e da cultura ocidental para a Nova Espanha foram diversas, mas destaca-se o conhecimento e tradução do Outro, ainda que *na e para* a língua indígena, sob as categorias da língua estrangeira que estruturava a cosmovisão que se desejava impor. Este é o caso de Sahagún, talvez o franciscano mais empenhado na catequização de indígenas. Seu objetivo principal sempre foi concreto: libertar, salvar e, inclusive, curar os indígenas das adorações ao que se interpretou como ídolos, o maior e mais grave dos pecados conforme a doutrina cristã.

Sahagún teve uma disposição especial para “recuperar”, com a colaboração de jovens indígenas educados e catequizados no Colégio de Tlatelolco, rituais e festas de origem pré-hispânica nos quais manifestavam suas idolatrias. Para ele, eram nos cantos que o “diabo” se escondia para ser adorado e zombar do Deus cristão:

Esta floresta brenhosa são **os cantos** que nessa terra ele [o diabo] urdiu que se fizessem e usassem a seu serviço, [...] e **entendendo-os somente aqueles a quem ele endereçava** [...]. É coisa muito averiguada que a cova, floresta e matagal onde, nos dias de hoje, este maldito adversário esconde-se, **são os cantares e salmos que têm compostos e cantam para ele, sem ser possível entender do que se trata neles, a não ser aqueles que são naturais e acostumados a essa linguagem**, de maneira que seguramente **se canta tudo o que ele quer**, seja guerra ou paz, louvor para ele ou ofensas a Jesus Cristo, sem que dos demais se possa entender (SAHAGÚN, 2016, p. 168, tradução e grifos meus).

Os cantos em adoração ao “maldito adversário”, cujo teor era de difícil compreensão desde a perspectiva ocidental, foi uma das evidências da persistência idolátrica identificada por ele ao longo de todo seu trabalho missionário em que priorizou o conhecimento profundo da língua e da cultura nativa através de sua escritura em alfabeto latino. Os cantos eram textos complexos de entender, pois para isso era necessário grande conhecimento da língua náhuatl ou, até mesmo, vivenciar a “religião” indígena para penetrar neste universo. Sahagún, no entanto, segundo seus relatos, parece nunca haver apreendido a densidade do conhecimento linguístico-cultural indígena, falta de compreensão essa que contribuiu para a designação dos cantos como manifestação idolátrica e, por conseguinte, a eliminação de trechos que “escondiam o diabo”.

Sahagún, neste sentido, caracteriza-se como um tradutor cultural e não como primeiro antropólogo da Mesoamérica, pois os limites de sua educação intelectual e religiosa na Universidad de Salamanca eram insuficientes para compreender a cultura indígena desde suas próprias categorias. Os resultados, mediante essa interpretação, foi a compilação escrita de diversos cantos por seus colaboradores a fim de identificar pontualmente as idolatrias. O manuscrito *Cantares*, como um possível exemplo da atuação de Sahagún na Nova Espanha, apresenta inúmeras interpolações de vocábulos referentes à religião católica como indícios de uma tentativa induzir os indígenas a que não cantassem os cantos tradicionais. A deturpação da arte verbal, no entanto, não implicou necessariamente o apagamento da linguagem indecifrável por Sahagún, pois se seus colaboradores foram educados nos mesmos moldes ocidentais, o que garantiria a compreensão linguístico-cultural profunda por parte deles e, por conseguinte, a extirpação das “idolatrias”?

3. Tradução dos cantos na contemporaneidade (1940–): propostas de Garibay e Bierhorst

Os *Cantares mexicanos* [fls. 1f a 85f] foram objeto de tradução de diversos investigadores interessados no passado pré-hispânico do México. Entre eles, destacaremos aqui os empenhos de Garibay Kintana e Bierhorst, tradutores do manuscrito para o espanhol e inglês cujas concepções divergem entre si.

Garibay, ao traduzir o manuscrito, defendeu que formava parte da cultura indígena a produção de poesia. O trabalho foi uma grande contribuição para os estudos mesoamericanos assim como alvo de duras críticas devido à noção que atribuiu aos indígenas que significou, em certa medida, sua ocidentalização. O padre e filólogo é repreendido, em um momento no qual se buscava desvincular do *modus operandis* colonial de conhecimento, de sustentar uma abordagem colonizadora que se releva na aplicação de categorias —“literatura” e “poesia”— supostamente universais em um contexto alheio ao da Mesoamérica.

Bierhorst, ao traduzir o manuscrito, propõe o rompimento de uma tradição conforme ele mesmo afirma: a de que os Cantares são a principal fonte de poesia asteca e um dos grandes exemplares da literatura indígena. Diferentemente de Garibay, com quem está em claro desacordo, Bierhorst não defende a forma oral dos cantos como poesia, mas sim sua forma escrita em alfabeto. Em contrapartida, garante um estilo poético relacionado com um paradigma metafísico dos cantos, os quais viriam a ser cantos de invocações a espíritos (“ghost songs”) (BIERHORST, 1985, p. 3).

A apresentação de ambos os trabalhos como antecedentes ilustra a importância do papel da tradução na produção de conhecimento(s) sobre a Mesoamérica. Os trabalhos de cada um dos investigadores-tradutores são cruciais para reposicionar o lugar da tradução nas investigações como manuscritos em língua náhuatl, pois mediante o trânsito linguístico está a possibilidade de produção conhecimento sobre um passado que se torna cada vez mais escudrinhado no México e outros países.

4. Para outras perspectivas tradutórias

A tradução é um saber *sui generis*. Transmite um saber particular sobre ela mesma, isto é, define-se a si própria:

Em outras palavras, no ato de traduzir está presente um certo saber, um saber *sui generis*. A tradução não é nem uma sublitteratura [...], nem uma subcrítica [...]. Também não é uma linguística ou uma poética aplicadas [...]. A tradução é sujeito e objeto de um saber próprio (BERMAN, 2012, p. 23, grifos meus).

Como transmissora de um saber próprio, da tradução se origina um saber *sui generis* sobre obras e textos, sobre línguas e sobre culturas. A concepção de tradução como portadora de um saber *sui generis* sobre obras, línguas e culturas, neste sentido, constitui uma via para refletir sobre os Estudos Mesoamericanos.

No caso dos *Cantares*, o trânsito provocado por nossa tradução direta do náhuatl clássico para o português proporciona outros *locus* epistemológicos de transmissão dos cantos como aspecto tradicional da cultura náhuatl. Na tradução do referido manuscrito, identificou-se a possibilidade de recontextualizar as letras dos cantos em um todo semiótico-performativo que remete a uma possível entoação no período pré-hispânico. A escritura alfabética dos cantos para a identificação das supostas idolatrias engendrou um documento repleto de rastros da oralidade, da linguagem em ação, os quais em conjugação com testemunhos de missionários

que descreveram os rituais para provar os horrores da prática permitem um texto traduzido que se “faça cantar”, isto é, um texto escrito de caráter manifestadamente oral.

Além disso, a transliteração dos cantos com o objetivo de extirpar a linguagem indecifrável atestada por Sahagún abre caminho para a hipótese de que o manuscrito ainda guarda centelhas do que era pré-hispânico, a qual é comprovada ao trazer à luz, por meio da tradução, expressões que se relacionariam ao que era abominado pelo catolicismo. Tratam-se de metáforas que, contextualizadas em um mosaico da história náhuatl, possibilitam um texto em português com letras que, no texto em náhuatl, figuram sob entidades da religião católica (*Dios*, *Jesucristo*, *Spiritu Sancto*, *Santa Maria*, *Icelteotl* (único Deus), *Tetatzin* (amado pai de todos). O texto traduzido, de sua parte, recupera deidades mesoamericanas que fazem sentido no contexto geral dos cantos, provocando experiências deslocadas da visão catequética e/ou ocidentalizada.

O texto traduzido para o português, nesta ótica, permite a formulação de epistemologias sobre a cultura náhuatl mais próximas a seu próprio *locus* de conhecimento, onde a tentativa de recuperar os cantos em seu contexto vivo levariam a interpretações fora dos cânones. O projeto tradutório, na forma como se propõe, é de extrema relevância para novos giros epistemológicos, pois nele a língua-cultura atua como ponto de partida de sua episteme.

Referências

BERMAN, Antoine (1985). O albergue do longínquo. *In*: A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras; Florianópolis: PGET/UFSC, 2012, p. 19-31.

BIERHORST, John. *Cantares mexicanos*. Songs of the aztecs. Stanford: Stanford University Press, 1985.

Cantares mexicanos [manuscrito]. *In*: MS 1628 bis. México: Biblioteca Nacional de México, 85 f. Disponível em: https://catalogo.iib.unam.mx/exlibris/aleph/a23_1/apache_media/CNVT4T1JK3621B7RUDF8BISVU2EIXJ.pdf Acessado em: 20/04/2020.

GARIBAY KINTANA, Ángel María. *Poesía Náhuatl*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Historia, Seminario de Cultura Náhuatl, 1965.

RÍOS CASTAÑO, Victoria. *Translation as a conquest: Sahagún and Universal history of the things of New Spain*. Iberoamericana, Vervuert, 2014. Edição Kindle.

SAHAGÚN, Bernardino (Frei) (1577). *Historia General de las cosas de Nueva España*. Edição com numeração, anotações, apêndices e paleografia por Ángel María Garibay Kintana. México: Porrúa, 2016.